

A IMIGRAÇÃO JAPONESA E O DESENVOLVIMENTO REGIONAL: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO ALTO TIETÊ

Maico Pinheiro da Silva
Universidade de Mogi das Cruzes (UMC)

Luci Mendes de Melo Bonini
Universidade de Mogi das Cruzes (UMC)

Valéria Bressan Candido
Universidade de Mogi das Cruzes (UMC)

RESUMO

Esta pesquisa teve o objetivo de relatar a vida, as memórias e a atividade de um descendente de japoneses no município de Mogi das Cruzes. Para tanto, retomou-se a linha histórica da imigração japonesa no Brasil e em Mogi das Cruzes, desde o início do final do século XIX. Realizou-se esta pesquisa por meio de relatos de história de vida, fez-se uma revisão histórico-bibliográfica, analisaram-se leis e programas de incentivo à imigração presentes na história do Brasil. Fundamentaram esta pesquisa: Cardoso (1995); Moraes (2008); Handa (1987); Kodama e Sakurai (2008). Narrou-se a história de vida de um orquidófilo, que nasceu em Mogi das Cruzes, filho de pais imigrantes que se radicaram na zona rural do município. Sr. Masuji, é apontado como o maior pesquisador e cultivador de micro orquídeas do mundo. Das memórias da imigração, figuram-se entre as falas do sujeito, relatos das dificuldades de adaptação na nova terra, o medo das perseguições durante e logo após a Segunda Guerra e o reconhecimento mundial pelo cultivo de orquídeas raras. **Palavras-Chave:** Imigração Japonesa. Políticas Públicas. Desenvolvimento Regional.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo teve como foco descrever o processo migratório japonês em direção ao Brasil, iniciado em 1908, bem como compreender como isso se deu na Região do Alto Tietê, para desta forma descrever e analisar a vida, as memórias de um descendente de japoneses no município de Mogi das Cruzes.

Segundo o IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2007), o Brasil é um país que recebeu muitos imigrantes de diversos países e etnias, entre elas os japoneses, que iniciaram seu aporte no país em 1820, com um contingente de 1682 japoneses. Este número, em 1850, ainda era de pouco mais de dois mil, porém, no início do século XX esta população já se configurava com um número de 37.807. Este crescimento

vai mudando ao longo de décadas e no século XX e a grande diferença acontece, pois estes são atraídos pelo chamado da agricultura e um grande número de japoneses que vai se radicalizar no Brasil o longo desses 100 anos do processo de imigração (IBGE, 2007). Foram muitas as contribuições que os japoneses trouxeram para o Brasil, entre as várias coisas destacam-se a introdução de novas espécies na agricultura brasileira e, também, no sistema de agricultura intensiva (DAIGO, 2008).

Até o início e meados do século XX, os brasileiros não tinham se deparado com a diversidade de verduras e legumes tão grande antes da chegada dos imigrantes japoneses, uma vez que eles trouxeram para cá técnicas de agricultura que já eram milenares no país de origem. País de dieta caracteristicamente advinda do mar e das plantas, o Japão ofereceu ao Brasil abundantes espécies de legumes, hortaliças e frutas frescas e flores nas feiras livres e supermercados. A maioria dos brasileiros reconhece que esses imigrantes tiveram papel fundamental na agricultura brasileira com seus reflexos na culinária nacional, oferecendo mais de 30 espécies novas de legumes e verduras, porque ao longo de milênios vieram desenvolvendo técnicas de enxertia que originava diferentes espécies e sabores para variar a culinária cotidiana (DAIGO, 2008).

Grande parte dos imigrantes japoneses que residem na Região do Alto Tietê dedicou sua vida à agricultura, a vinda destes imigrantes foi instaurada por meio de um acordo de imigração entre Japão e Brasil. No final do século XIX e início do século XX, o Japão preocupava-se com o grande crescimento da população e com o fechamento dos portos dos Estados Unidos e do Canadá aos imigrantes japoneses, foi o Brasil, o alvo principal pois o Estado de São Paulo, tinha uma demanda por trabalhadores para a lavoura. Havia também, o interesse em incrementar as relações comerciais entre Brasil e Japão propiciando a abertura de um novo mercado consumidor para o café brasileiro (REGO, 1998).

Devido à crise econômica em consequência da queda de preços dos produtos agrícolas, da crise social em virtude do crescimento acelerado da população, o Japão entendeu que era necessário incentivar a emigração a fim de reduzir as tensões sociais e principalmente nas zonas rurais (IZUMI, 2010).

De acordo com Moraes (2008) os primeiros grupos que chegaram à cidade de Mogi das Cruzes não escaparam dos problemas, a exemplo da família Suzuki vinda de uma província do norte do Japão que pretendia morar na Cidade de Taquaritinga, mas em virtude do avanço da maleita naquela região, resolveu se fixar em Mogi das Cruzes. Assim como todos os imigrantes, muitas foram as dificuldades: a língua, a dieta alimentar, os costumes e as moradias precárias, foram desafios a serem enfrentados (MORAES, 1990)

Os imigrantes Japoneses vieram para o Brasil encaminhados pelas companhias de emigração do Japão, eram todas famílias de lavradores, que tinham suas passagens bancadas pelo governo paulista, vindo diretos para a lavoura cafeeira, onde trabalhariam como colonos. No início eram trabalhadores assalariados, sendo que passado algum tempo

passavam a arrendatário das fazendas e, mais tarde, passariam a pequenos proprietários. Com a política extremamente oscilante, algumas famílias japonesas deslocaram-se para outras áreas, no intuito de nelas concretizarem seus planos de permanência definitiva no Brasil. Mogi das Cruzes foi uma das regiões escolhidas em virtude da existência de vários grupos de imigrantes e também por seu potencial econômico para o setor agrícola (PIRES, 1984).

Em Mogi das Cruzes e Suzano, muitos japoneses se radicaram e voltaram-se para a agricultura. Ao longo de décadas eles se uniram, fundaram cooperativas agrícolas que distribuía a grande produção, que teve como auge a década de 70, em que a região do Alto Tietê se projetava como uma das maiores produtoras de legumes, verduras e aves do Estado de São Paulo (CARDOSO, 1995, apud KANAZAWA, 2008).

A mais expressiva colaboração da imigração japonesa na Região do Alto Tietê foi o desenvolvimento econômico fundado no desenvolvimento da agricultura. Neste estudo parte-se da hipótese de que há descendentes de imigrantes que ainda hoje mantêm o desenvolvimento de métodos e técnicas de desenvolvimento e cultivo de vegetais que precisam ser preservados por meio de políticas públicas locais.

Pretendeu-se, ao longo da pesquisa, responder às perguntas que circundam esta hipótese: Como chegaram os imigrantes japoneses e como vivem os seus descendentes na região do Alto Tietê? Como esses descendentes registram suas memórias? Esses imigrantes japoneses ou seus descendentes que optaram pela atividade agrícola foram ou são alvos de políticas públicas que os beneficiam? Há programas de incentivo às atividades agrícolas e de amparo às suas práticas culturais e tradições no município de Mogi das Cruzes para os produtores de orquídeas?

Assim, por meio de uma revisão bibliográfica e a história de vida de um descendente de imigrantes, fez-se a descrição do processo migratório dos japoneses e buscou-se lançar luz ao modo de vida dos descendentes desses imigrantes.

1.1 A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL E SUAS REPERCUSSÕES NA REGIÃO DO ALTO TIETÊ

No século XIX, começa a ocorrer de forma vagarosa a imigração dos japoneses para o Brasil. Aconteciam os primeiros acordos entre Brasil e Japão, nos quais cada um dos países procurava solucionar os seus problemas: o Brasil, necessitava de novos trabalhadores para cafeicultura, área em expansão no país, e que se apresentava com escassez de mão de obra, enquanto o Japão, vivia um período de crise de abastecimento, face às mudanças

políticas, pois era devolvido o poder ao imperador, período esse que ficou conhecido como Restauração Meiji. (KODOMA E SAKURAI 2008).

O Japão passava por mudanças, em virtude de uma revolução política de modernização em seu Estado, já que estava ocorrendo uma descentralização do poder político, que saía da mão de um feudo e o poder retomava ao Imperador Meiji. O poder mudava de mãos de uma determinada classe e passava as mãos de um povo mais jovem de baixa classe hierárquica que se aliou a alguns nobres nunca antes envolvidos em política e que agora compunham uma nova classe elitizada que ao assumir o controle, transformaram o Japão em uma potência moderna, (REISCHAUER, 1989 apud Gonçalves, 2008).

Em 1868, após assumir o comando, o imperador, sob juramento, se comprometeu a reavivar as relações de amizade entre o Japão e as nações estrangeiras, buscando uma melhor organização social, respeitando inclusive a opinião pública, comprometeu-se ainda a criação de um regime parlamentar. A partir daí o Japão se viu em um processo de ocidentalização, com o forte desejo de obter a tecnologia vinda da Europa e dos EUA, embora sua abertura político-econômica aos outros países, só tenha sido possibilitada pela sua exposição cultural que ocorreu de forma mais ampla na exposição Universal de Paris, em 1889 (GONÇALVES, 2008).

O país tinha grandes necessidades em 1895, por isso na Cidade de Paris, firmaram o chamado tratado da amizade, com o Brasil, permitindo a imigração de Japoneses. Assim começou a ser articulada à imigração, situação que se tornou mais latente com a vinda do representante Sr. Ryu Mizuno da companhia Kokoku Shokumim Kaisha, empresa que administrava a imigração, a fim de suprir a falta de mão de obra, na agricultura Brasileira. Tal tratado atraiu grande oposição sobretudo entre os representantes do governo japoneses que se opunham à imigração, porém a vinda de (KODOMA E SAKURAI 2008).

Segundo o IBGE, Brasil é um país que recebeu muitos imigrantes de diversos países e etnias, entre elas os japoneses, que iniciaram seu aporte no país em 1820, com um contingente de 1682 japoneses. Já em 1850, este número era de pouco mais de dois mil, porém no final do século XIX e início do século XX este número havia saltado

para 37.807. Vale ressaltar que estes números mudam bastante ao longo dos anos, alguns anos, mas é no século XX que a grande diferença acontece, e há um grande número de japoneses que vão se radicalizar no Brasil (IBGE, 2007).

Somente anos após a assinatura do tratado da amizade entre o Brasil e o Japão, em 1907, é que Companhia de Migração Japonesa e a Secretária da Agricultura de São Paulo, firmaram um acordo para a Imigração de 3 mil Imigrantes que ocorreria no prazo de 3 anos, (BELTRÃO, SUGAHARA E KONTA, 2007).

Esses imigrantes contribuíram em diversos segmentos para o progresso da nação, fazendo referência em especial à contribuição dos japoneses na agricultura brasileira que mantém uma forte relação de contribuição para o progresso nesta área. A maior contribuição japonesa foi a introdução de novas espécies e também do sistema de agricultura intensiva (DAIGO, 2008).

Apesar da disposição de se iniciar o incentivo à imigração, a queda do mercado mundial retardou a vinda dos japoneses até 1906, quando foi assinado o Convenio de Taubaté, que visava obter recursos para estimular a produção cafeeira em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, o que provocou um novo salto na economia cafeeira do Sudeste, (RECCO, 2008).

A economia do Brasil estava totalmente dependente da cultura cafeeira que antes da abolição da escravatura dependia da mão-de-obra de escravos negros, porém, com a abolição a escravatura, ficaram os senhores de café sem mão de obra. Assim o governo brasileiro tentou resolver tal falta com os europeus, que foram por vezes impedidos de imigrarem por seus governos, uma vez que o trato a esses imigrantes ainda era em condições sub-humanas, passando o governo brasileiro a cogitar a mão de obra asiática, (IMIGRAÇÃO JAPONESA, 2014).

Com a publicação da Lei de Imigração em 1907 que permitiu que cada Estado definisse a forma mais conveniente para recepção e instalação dos Imigrantes, Ryu Mizuno, considerado o pai da imigração, firmou acordo com o governo de São Paulo, para a introdução de 3 mil imigrantes japoneses num período de três anos. Isso aconteceu em dia 28 de abril de 1908 quando o navio Kassato Maru deixou o Japão com os primeiros

imigrantes, rumo ao Brasil, (RECCO, 2008).

Muitas foram as oposições à imigração japonesa no Brasil, chegando o Jornal do Brasil a se posicionar de forma contrária à formação das colônias, sobretudo, quando da compra de terras, (KODOMA E SAKURAI 2008).

A chegada dos primeiros imigrantes em Santos aconteceria dois meses depois, no dia em 18 de junho de 1908, que marcou a chegada de 165 famílias, em sua maioria formada por camponeses pobres das regiões norte e sul do Japão. (MORAES, 2008). A chegada festiva, segundo relatos de Handa, (1997) teve-se a impressão de que o povo brasileiro lhes dava boas vindas, mas não foi exatamente isso o que aconteceu, já que muitos sofreram muitas formas de discriminação.

Os imigrantes, que estavam no navio, estavam entusiasmados com a proximidade das fazendas de café, e acreditavam que os rojões soltados em virtude das festas juninas, eram na realidade as boas vindas do povo brasileiros a eles. O desembarque ocorreu somente no dia seguinte, quando os imigrantes embarcaram no trem que os levaria a Hospedaria dos Imigrantes, situada na Cidade de São Paulo (HANDA, 1997).

Desde a chegada dos primeiros imigrantes Japoneses, no Kasato Maru, observa-se que os imigrantes que nesta época eram assistidos oficialmente pelo governo do Japão, com acordo com o Brasil, eram enviados para o Estado de São Paulo, fato este que perdurou até 1924 (KODOMA E SAKURAI 2008).

Os imigrantes em sua maioria ficaram abrigados no Estado de São Paulo, chegando os índices a ultrapassar a porcentagem de 90% no ano de 1940. O crescimento da população no Estado de São Paulo, chegou em 1958 ao número expressivo de 400 mil pessoas (BASSANEZI E TRUZZI, 2007).

Os imigrantes foram divididos em várias fazendas no interior do Estado de São Paulo e norte do Paraná, entre elas as fazendas Canaã, São Martinho e Sobrado, desde muito cedo os imigrantes sentiram-se insatisfeitos com o trabalho, dada a demora do processo de imigração, quando chegaram às fazendas se depararam com poucos frutos e como não havia muito grãos para colheita e o valor que recebiam era pouco, necessitavam

de vários dias de trabalho e vários membros de uma família para a colheita de uma saca. Como até hoje acontece em todo o país, não bastasse tudo isso, tinham de pagar por alimentos e roupas que adquiriam nas chamadas “barracas” nas próprias fazendas, o que se transformou em grandes dívidas. Além disso, a empresa KSK, Kokoku Shokumin Kaisha, responsável pela imigração, deveria antes mesmo da saída do navio do porto de Kobe, pagar uma quantia em dinheiro ao governo japonês, porém, como não provinham de tais valores, acabou por efetuar tal pagamento, com os valores que eram deixados pelos próprios imigrantes, a título de depósito até a chegada ao Brasil, e por isso não foi possível sua devolução aos imigrantes, (DAIGO, 2008).

Os poucos recursos que os imigrantes japoneses conseguiram economizar, como o trabalho na cafeicultura, lhes possibilitou adquirir suas próprias terras, onde plantaram e depois colheram.

Segundo Saito (apud CARDOSO, 1995), é importante observarmos que a concentração dos imigrantes japoneses no Brasil, apresenta alguns aspectos maiores que a concentração geográfica, porque os que ingressaram no Brasil, até 1952, mais da metade chegou entre 1920 e 1939, eram grupos familiares. Políticas de imigração impostas a fim de que não imigrassem apenas homens com idade adulta, mas sim, verdadeiros grupos familiares.

Cardoso (1995, p.18) esclarece:

Quanto ao número total de imigrantes japoneses recebido no Brasil, as diferentes fontes que consultamos referiam-se a períodos distintos, tornando difícil a comparação. As diferenças, porém, não são significativas. O recenseamento da Colônia Japonesa, realizado em 1958, dá para o Brasil um total de 138.637 imigrantes e 291.332 descendentes de japoneses. O IBGE, em publicação de 1958 que trata da Distribuição territorial dos estrangeiros no Brasil, usando os censos de 1940 e 1950 apresenta respectivamente os totais de 144.523 e 129.192 imigrantes. O Departamento de Imigração e Colonização do Estado de São Paulo conta em 190 063 o total de imigrantes japoneses até 1952. Entretanto, as diferenças entre estes totais são facilmente explicadas, porque a diminuição que constatamos entre 1940 e 1952 provavelmente se deve à paralisação da imigração depois de 1941 devido à II Guerra Mundial, quando novos imigrantes não vieram substituir os que morreram. O total oferecido para 1952 diz respeito a japoneses entrados no Brasil, não levando em conta nem a mortalidade nem a reemigração e por isso tende a ser maior.

Segundo Bernardes e Cavalcante (2009) a aquisição de terra nos primórdios era muito mais fácil, alguns imigrantes conseguiram comprar terras depois de laborar durante dois anos em uma fazenda no interior de São Paulo, o que lhes possibilitava a obtenção de renda.

Mesmo com a existência de um acordo de imigração entre os Governantes do Brasil e Japão, estes não eram bem recebidos no Brasil, havendo ainda um certo preconceito com referência a presença da raça, o que motivou a publicação da revista carioca “O Malho” na sua edição de 1908 em 05 de dezembro, ao trazer uma charge com a legenda de que: “O governo de São Paulo é teimoso. Após o insucesso da primeira imigração japonesa contratou 3.000 amarelos. Teima em dotar o Brasil com uma raça diametralmente oposta a nossa” (NATIONAL DIET LIBRARY, 2013).

Já na década de 30, os nacionalistas extremistas, liderados pelo médico, Miguel Couto, faziam crescer a polêmica racial anti-nipônica, trazendo o idealismo de não assimilação da cultura e hábitos dos imigrantes (KODOMA E SAKURAI 2008).

Em 1933, na Assembleia Nacional Constituinte discutiram-se teses que apontavam para a necessidade do “branqueamento”, dos brasileiros, tendo como grande defensor de tais teses o deputado e também médico Miguel Couto, que era apoiado por outros deputados médicos que juntos reivindicaram o fim da imigração dos degenerados “aborígenes nipônicos” (SUZUKI, 2008). Com isso houve a aprovação por maioria da uma emenda constitucional de 1934 conhecida como Lei Miguel Couto (HATANAKA, 2002), que limitaria cotas para imigração, sem, contudo, mencionar raça ou nacionalidade, proibindo ainda a concentração populacional de imigrantes, por esta emenda o Brasil somente receberia até 2% do total de imigrantes de cada nacionalidade recebida nos últimos 50 anos, excetuando os portugueses (SUZUKI, 2008).

A partir de então a imigração no Brasil, toma novos rumos, fazendo com que os números de imigrantes japoneses no Brasil, caia de forma grandiosa, vindo a se esgotar com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1940, ficando durante o fim do governo provisório de Vargas evidente a intenção do Governo de não acolher imigrantes. Os japoneses ocuparam um papel central no rol de indesejáveis, chegando o Ministro da Justiça, Francisco Campos, em 1941 a afirmar:

Nem cinco, nem dez, nem vinte, nem cinquenta anos serão suficientes para um a verdadeira assimilação dos japoneses que praticamente devem considerar-se inassimiláveis. Eles pertencem a uma raça e a uma religião absolutamente diversas. Falam uma língua irreduzível aos idiomas ocidentais; possuem uma cultura de baixo nível, que não incorporou da cultura ocidental, senão os conhecimentos indispensáveis à realização dos seus intuítos militaristas e materialistas; seu padrão de vida desprezível representa uma concorrência brutal com o trabalhador do país; seu egoísmo, sua má-fé, seu caráter refratário fazem deles um enorme quisto ético, econômico e cultural, localizado nas mais ricas das regiões do Brasil (CYTRYNOWICZ, 2000, p.165).

No segundo semestre de 1946, após a segunda Guerra Mundial, onde falsos informes sobre a vitória japonesa, foram propagados, fazendo com que os alguns acreditassem nesta falsa vitória e outros não, fazendo com que muitos “derrotistas” que não acreditavam na falsa vitória, fossem assassinados, tornando-se os nipônicos que se encontravam hospedados em pensões e hotéis em todo o Estado de São Paulo, os principais suspeitos sendo aprisionados (CYTRNOWICZ, 2002, Apud KANASAWA, 2008).

Após a guerra, com toda esta perseguição, vinda de órgãos governamentais, houve a necessidade de uma melhor organização dos imigrantes, passando estes, para se defenderem e reforçarem a sua identidade cultural, a criar escolas firmando sua condição no país e aumentando sua produção agrícola abastecendo as cidades. (MORAES, 2008).

Já nos anos 40 e 50, o Brasil iniciou um período de grande modernidade na economia brasileira: criação das indústrias estatais (metalúrgica Volta Redonda, companhia Vale do Rio Doce, Eletrobrás, Petrobrás em 1953 etc.), chegada de multinacionais com novos produtos (carros, geladeiras), o fortalecimento de uma classe média consumidora, grande migração vinda da zona rural e crescente urbanização (MORAES, 2008, pg. 109).

No período pós-guerra houve entre os países o estreitamento das relações, permitindo a entrada de 50.000 imigrantes japoneses que viriam auxiliar o governo brasileiro nos projetos de desenvolvimento na agricultura e industrialização, sendo que os imigrantes que participavam do setor industrial ocupavam cargos de gerência ou diretoria nas empresas que tinham suas matrizes no Japão (SAKURAI, 2007).

Os descendentes dos imigrantes que não laboravam na zona urbana, partiram para atividades agrícolas, principalmente a floricultura que se apresenta dentro do mercado brasileiro em crescente ascensão, fazendo com que os produtores possam manter suas

atividades na terra, chegando até mesmo com a modernidade de equipamentos tecnológicos a exportarem seus produtos (MORAES, 2008).

Os imigrantes japoneses surgiam no Brasil, dando novos rumos, auxiliando na urbanização e formação de nova classe social atuando profundamente na estrutura da região cafeeira, que levou ao aumento de pequenas e médias propriedades voltadas a tal atividade (SCHPUM, 2007).

O legado deixado pelos japoneses e seus descendentes é bastante marcante, no âmbito cultural, em 1926, foi fundada a Sociedade Cultural de Mogi das Cruzes, criada com a finalidade de dar assistência na organização de feiras, festas e, principalmente manter a tradições. Há entre os legados deixados pelos imigrantes e seus descendentes, várias técnicas de agricultura, o desenvolvimento de novas espécies de legumes, verduras e flores, entre elas as orquídeas e vários pratos da gastronomia japonesa que fazem parte da alimentação da população da região atualmente além de patrimônios culturais imateriais e materiais, como o Casarão do Chá, tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado (CONDEPHAAT) que serviu para a desidratação e armazenagem de toneladas de chá, que saíam da Mogi das Cruzes para o porto de Santos, direito para o Japão (HIRATA, 2006).

Os imigrantes encontraram muitas dificuldades na região de Mogi das Cruzes assim como as vivenciadas no interior paulista. A dificuldade com o idioma, os alimentos que eram diferentes daqueles que estavam acostumados, a moradia que não lhes permitia viver de uma forma mais cômoda, pois eram precárias, sem muita higiene, fazendo dos imigrantes verdadeiros guerreiros conforme registros históricos da imigração japonesa, porém na Cidade de Mogi das cruces, encontraram terras mais acessíveis, com melhores preços, tornando-se proprietários pois na região de Mogi das Cruzes as terras tinha preços menores do que as localizadas nas regiões cafeeiras (MORAES, 1990).

Em Mogi, calcula-se que 1.500 das 4.000 famílias "japonesas" locais são sitiantes. Sua produção é espantosamente diversificada: alface, berinjela, couve-flor, repolho, abobrinha, tomate, pepino, cenoura, batata, milho para pickles, chuchu, cogumelos, broto de feijão, uva, nêspera, ovos, frangos, rãs, porcos, peixes e flores. Em décadas passadas, já produziram chá: na zona rural de Mogi, começou há pouco a restauração de um impressionante casarão construído na década de 30 com adobe, num estilo que mistura a arquitetura

caipira e a carpintaria japonesa. Para o agrônomo Hiroshi Ikuta, responsável pela propagação das pesquisas da Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz, de Piracicaba, junto aos sítios de Mogi das Cruzes, um dos sinais da vitalidade da agricultura praticada pelos japoneses da região é o dique que alguns construíram com recursos particulares para proteger suas lavouras contra as enchentes do rio Tietê, que nasce alguns quilômetros acima dali. "Isso é obra de governo, mas os agricultores cansaram de esperar e fizeram eles mesmos", afirma Ikuta (JAPÃO100, 1988).

Na região do Alto Tietê, mais especificamente nos municípios de Mogi das Cruzes, Biritiba Mirim, (antigo distrito de Mogi das Cruzes), Salesópolis e Suzano, os Japoneses encontraram terra fértil em grande quantidade para desenvolver a agricultura. O que trouxe um crescimento econômico notável para a região, principalmente nas décadas de 70 e 80.

Os imigrantes japoneses em Mogi das Cruzes e cidades vizinhas se consolidaram como sítios logo após a Segunda Guerra Mundial, neste período, marcadamente de crescimento econômico no Brasil, trouxe para a região o chamado cinturão verde, que ao longo de décadas, foi o maior produtor de legumes e verduras da América Latina. Este avanço econômico, obviamente, trouxe a mobilidade social, pois a terceira geração de imigrantes teve mais acesso à formação superior o que provocou um esvaziamento na produção de galinhas e ovos, de legumes, verduras e algumas frutas como a nêspera, o pêssego e o caqui, o que demonstra o que já foi referenciado anteriormente – os japoneses se especializaram na horticultura, floricultura e fruticultura e na produção de ovos e galinhas, pois muitos imigrantes vieram das zonas rurais do seu país natal (MORAES, 2008).

2 O relato de vida do orquidófilo da região

Neste panorama encontramos o floricultor Masuji Kayasima, filhos de imigrantes, com mais de sete décadas de vida e que devotou sua vida no cultivo de orquídeas e micro orquídeas. Nascido no Brasil, filhos de pais vindos na segunda leva de imigrantes, este orquidófilo vive no bairro do Cocuera onde habitam muitos descendentes de imigrantes Japoneses e considerado o mais importante bairro da região, pois tem a produção predominante de hortaliças, flores e frutas. Este bairro é cortado por vários afluentes do

Tietê, e pela estrada regional que liga o bairro a Suzano na direção oeste e Salesópolis em direção a leste (VEIGA, 2009). O sítio em que ele e a esposa vivem chama-se Paraíso das Micro Orquídeas, com mais de dez mil vasos dessas flores e, segundo ele, mais de 1600 espécies, as entrevistas que se configuram a seguir, se realizaram neste espaço, mas houve ainda acompanhamentos com o entrevistado em cursos e palestras.

As origens:

Os meus pais são japoneses e vieram na segunda leva de navio, a primeira foi de 1918, meus pais foram de 1920, segunda leva. Não me recordo o nome do navio que meu pai veio, sei que o primeiro foi Kasato Maru, o segundo não me lembro o nome.

Como se viu o Japão ingressou na história das emigrações a partir da década de 1880, devido à crise econômica-social. Assim, a emigração passou a ser necessária para reduzir as tensões sociais, sobretudo nas zonas rurais. Muitos imigrantes que vieram ao Brasil fugiam da pobreza e esperavam encontrar um meio de “salvar” a sua família, e uma das condições para estas famílias era ser constituída de pelo menos três pessoas aptas ao trabalho e ter idades entre 12 e 45 anos (IZUMI, 2010).

Ao observarem-se os comentários do Sr. Massuji, pode-se verificar que a vinda de seus pais se deu da forma descrita nos anais da emigração japonesa, de acordo com os estudos obtidos em pesquisas bibliográficas foi possível percebermos que a vinda de seus pais se deu no mesmo molde dos registros históricos obtidos.

Todo japonês, acho que Italianos e alemães também, quando vieram para o Brasil, tiveram que trabalhar 5 anos na produção do café no interior paulista e depois de 5 anos podia emancipar, mais lá já sofreu a discriminação, tratavam de japa né. E depois meus pais vieram para Santos, tinha 2 bancas de verdura, estourou a guerra em 18 horas um dia chegou o delegado e falou: olha você tem 18 horas para sair daqui senão vai todo mundo preso, era japonês, italianos e alemães, saiu praticamente com a roupa do corpo e veio pra cá e nessa época do tempo da guerra foi discriminado muito, considerado japonês da 5ª coluna, mesmo meu irmão que nasceu em Santos foi discriminado - Japonês da 5ª coluna - 5ª coluna, e depois que terminou a guerra ai teve outra briga entre os próprios japoneses, foi o famoso chamado chindoremin, não era bem aceita, mais meu pai sempre comentou com a gente, andava em outra rua, via japonês que não conhecia mudava de lado, porque chegavam pra gente assim você é ganhador ou perdedor a pessoa que vai responder não

sabe assim que lado que ele tá né, se fosse contrário o cara matava na hora, matou mais japonês pós-guerra do que a própria guerra, os delegados ficavam apavorados, isso já era uma discriminação também apesar de ser entre os próprios japoneses, tiveram muitos casos assim, depois foi tratado assim, até hoje muita gente trata.

Neste trecho, o entrevistado fala sobre um triste episódio vivido por muitos japoneses no Brasil, que além de acirrada a xenofobia por questões de diferenças culturais, houve também a cisão dos grupos logo após o término da Segunda Guerra Mundial. Ao se referir à quinta coluna, mostra que a expressão se desloca rapidamente para a traição em momentos de guerra, que foram bem conflitantes para os estrangeiros no Brasil, principalmente italianos, alemães e japoneses.

A Imigração:

é ruim falar isso mais meu pai foi mais esperto, ele pegou o máximo de informação possível antes de vir para cá, tinha uma escola no Japão só de imigrantes, japonês que vinham para o Brasil e lá o professor dele orientava, já tinham vindo 3 vezes para o Brasil, aí ele ensinou muito macetes, segredos da cultura Brasileira, para o meu pai, e meu pai já dominava bem o espanhol, então meu pai na parte de língua ele não tinha tanto problema, lá onde estava na 4ª parada eram descendentes de italianos, cafezal de italiano, o maior problema para os japoneses era a comida, a feijoada com orelha de porco, rabo de porco e japonês nunca tinha visto aquilo não conhecia, era chouriço, salsicha, tudo salgado, o maior problema foi comida, sofreram muito, depois começaram a comprar arroz e plantar a verdurinha, no Japão não existia couve aqui já tinha, os imigrantes começaram a vir e trazer arroz verduras essas coisas, exemplo a comunidade japonesa de Araçatuba começa a fazer aqui porque ajuntava a comunidade japonesa. Conversar com os brasileiros, não tinha condições então no fim de semana ajuntava com o brasileiro e ficava lembrando as coisas do Japão né. Agora pegar avião 24 horas estamos no Japão naquela época demorava 4 meses de navio, tudo isso o japonês sofreu muito.

Essa fala demonstra que os imigrantes, recebiam informações diversas da realidade que enfrentariam no Brasil, não só quanto às condições de trabalho, sobrevivência no Brasil, e que a luta pela sobrevivência já começa com a adequação a viagem de navio, meio pelo qual os imigrantes, incluindo os pais de nosso entrevistado, adentraram no Brasil, e depois passando pela língua estrangeira, pela comida, e ainda o trabalho.

A razão da debandada dos primeiros imigrantes se encontra na pobreza que marcou as suas vidas, e explica que essa pobreza era devida ao velho sistema de extorsão praticado nas fazendas (armazéns), tanto quanto ao regime de baixa remuneração que os obrigava a buscar a sobrevivência nas culturas intercalares; mais ainda, indica os pontos negativos que pesaram desfavoravelmente para os "imigrantes em busca de fortuna no exterior": os diferentes modos de viver a obrigar famílias inteiras a saírem para o trabalho, sem permitir que se deixassem as mulheres e os filhos em casa, e, portanto, sem dar condições sequer de se proverem de alimentação criando galinhas (HANDA, 1997, p.52)

O trabalho escravo dos imigrantes japoneses:

quanto ao trabalho escravo, nesse lado meu pai não comentou muito porque era tipo trabalho escravo né, tinha horário, de tal hora a tal hora era pro almoço, depois era direto no cafezal, tinha muito problema de picada de aranha, cobra, mais aranha, quando entra em baixo para carpir a aranha, abelha, meu pai comentou não esqueço até hoje, remédio não tinha cidade mais perto era horas, a picada da aranha a melhor coisa era a menstruação da mulher, muitas vezes não estava disponível na hora, ai analisando vi que era simplesmente hormônio, muita gente foi picado por cobra, e levar para o hospital demorava muito, ficava com a marca da gangrena, ai também tinha um japonês que a cobra mordeu, ele morava 1 km da estrada ele veio perto da estrada ficou esperando o ônibus para ir ao hospital , no lugar picado ficou um buraco por causa da demora.

Handa (1973) explica que os imigrantes tiveram que viver em condições precárias de moradias, de limpeza e sem mobília, assim como a falta de dinheiro impedia-os de se comprar muita coisa no armazém da fazenda. A má alimentação ocasionou em subnutrição generalizada, que culminou em muitas doenças e mortes entre os imigrantes.

E assim, ao invés de procurarem aprender a cozinha brasileira, os imigrantes novatos se esforçavam por encontrar substitutivos da comida japonesa, tais como pickles de mamão ou picões cozidos à japonesa – numa época em que não existia “shoyu” (molho de soja) nem peixe-bonito seco (material de tempero) (HANDA, 1973, p.88).

A abordagem trazida por Handa (1973), traduz exatamente a abordagem trazida pelo Sr. Massuji, uma vez que o imigrantes quando de sua chegada ao Brasil passaram a trabalhar em regimes pesados de horários, sem uma remuneração condizente e ainda sem as mínimas condições de higiene e saúde, notadamente, conforme nos fora relatado. Quando

tinham quaisquer problemas em virtude do labor, não recebiam tratamento de saúde adequado, tendo que valer-se de algumas experiências caseiras, como o citado tratamento com a menstruação da mulher, fato este que sem dúvida nenhuma, seria rechaçado por qualquer médico, mas que, embora não encontrado nos relatos históricos, ocorreu e encontra-se na memorial desses descendentes.

Conforme observamos anteriormente, os imigrantes japoneses, tiveram muitas dificuldades, desde a sua saída do Japão até sua chegada no Brasil, passando por situações degradantes de higiene, escassez de banheiros, o que impossibilitava uma higiene correta, dificuldade com a alimentação que era totalmente diferenciada no Brasil, enfermidades. Assim também, é importante destacar o regime de escravidão ao qual ficaram sujeitos, mas que se olhar-se mais detidamente no panorama atual veem-se novos aspectos culturais e novas práticas alimentares que foram inseridas na cultura brasileira, com grande aceitação.

Na fala anterior há muita informação que merecem destaque, tais como a casa construída sem pregos nem martelo, a utilidade da goiabeira para o alimento e para a proteção das orquídeas. O entrevistado também se queixa do Novo código Florestal que obriga a redução do aproveitamento das margens do Córrego assim como reclama da falta de política para compreender o bom uso que ele faz das suas terras.

Alimentação e adaptação aos novos paradigmas culturais:

como plantava arroz foram aprendendo a comer carne, mas morava no interior e tinha dificuldade de comer carne, comia peixe, matava traíra a paulada fora isso tinha muita capivara, armavam a espingarda e de manhã tinha uns 5, 6 mortos, até acaba ai armava outra vez. Daí foi para cotia, meu pai se não me engano foi um dos sócios fundadores da cooperativa cotia, plantavam batatinha vinham vender aqui no largo da batata, 3 dias um dia pra vir, um pra vender e outro para voltar, nasci em Santos, o Massuji em Mogi das Cruzes. Eu vivenciei quando falaram vai embora de Santos, tinha muito portugueses, trabalhadores que se davam muito bem como Japonês, meu pai era muito aberto e tinha muita amizade, inclusive, com o pessoal da polícia, me lembro muito bem, 2 horas da tarde meu pai chegou lá em casa e falou assim, avisa todo pessoal que conhece que 8h00 tem que estar na delegacia, a rua que morávamos era dois quarteirões da delegacia, e meu pai saiu avisando a todos, mais mesmo já naquela época era tratado de 5 coluna, quando

chegou na delegacia , falaram amanhã 8 horas na estação vai subir todo mundo, porque havia boato que na igreja havia um espião que tinha um padre que era alemão, 8 horas de manhã, estávamos na estação apenas com a roupa do corpo e eles não tinham ideia de quantos japoneses tinham em Santos, tinha que subir a serra, o espírito do japonês era de não dar trabalho para as autoridades, o termo garantido, é que o pessoal não entendia português, e falava garantido né!

Tem gente que fala que eu posso entrar com uma ação, tinha 2 bancas que era nossa que foi pago por nós e que ficou por isso. Um amigo nosso ficou preso, e tinha um filho EGBERTO que dava aula na faculdade era filho do diretor do presídio, que tinha amizade com esse preso que era político, meu pai começou a procurar um terreno e meu tio lembrou dessa área que era meio escondido e vieram aqui e fecharam o negócio, os proprietários aqui eram portugueses, toda a família está no Rio de Janeiro, depois sumiram.

As lembranças relatadas quanto à retirada dos imigrantes e seus descendentes, são memórias, que embora não vivenciadas pelo nosso entrevistado, marcaram muito não somente a sua vida, mais toda história dos imigrantes japoneses e seus descendentes, tais, demonstram o preconceito vivenciado pelo grupo de imigrantes, e ainda, vão ao encontro com dos relatos históricos pois percebe-se a proibição de quaisquer atos praticados pelos imigrantes que pudessem levar ao entendimento de rebelião.

A decisão de sair de Santos, o início da Guerra.

Nós subimos ali na Moóca tem um alojamento para imigrantes e o trem encosta na plataforma e vem para o alojamento, ficou tudo lotado e o pessoal dormia no trem e não poderia descer na capital de São Paulo, porque era perto do porto, Mogi também não podia porque era perto do litoral, meu pai queria ir para Garça, e tinha um tio que morava aqui em Mogi e meu tio ficou sabendo que estávamos lá, e ele conhecia um advogado, esse advogado emitiu um parecer não sei o que que é, e entregou lá conseguimos vir para Mogi, mais como o alojamento dos imigrantes estava lotado e tinha que dar uma solução, faltou comida. Esse fato não apareceu, mais viemos para cá e nesse interim como papai tinha banca de verdura, escoavam bem o produto, e vinha tudo pra nós pela estrada de ferro Sorocabana e como nós não estávamos lá não tinha quem receber e o pessoal ficou sabendo que não tinha quem receber e não mandavam mais comida pra Santos. Tinha dinheiro, mais não tinha o que comer. Santista virou tudo comunista, história que não são contadas mais que eu vivenciei, não podia contar. Quando estourou a guerra a primeira coisa que tomou de meu pai foi o rádio, pois 20h mandavam notícia do Japão e denunciaram a polícia veio e levou o rádio, mais

meu pai era muito amigo de um electricista que arrumou um outro rádio de válvula, meu pai tinha um dinheiro, mais tinha emprestado muito para o pessoal que perdeu.

Estes imigrantes demonstraram um exemplo de superação a ser seguido, pois diante de tantas perseguições e o enfrentamento da xenofobia. Foi durante a Segunda Guerra que as coisas ficaram mais acirradas contra eles, uma vez que o Brasil se juntou aos aliados contra o Japão.

O pós-guerra trouxe a fixação definitiva no Brasil. Para Pinheiro e Massae (2009) ela foi o pretexto simbólico para legitimar a permanência definitiva no Brasil. Os imigrantes que vieram antes da Guerra, o fizeram basicamente para a lavoura, mais tarde, no pós guerra, outros que chegariam ao Brasil seriam mais bem preparados, por isso muitos foram para a área industrial (PINHEIRO e MASSAE, 2009).

Enquanto que no período anterior a guerra, se verificou a saída dos imigrantes da área rural em direção a centros urbanos, pode-se dizer que os que vieram no período pós-guerra contribuíram para reativar durante algum tempo, a agricultura no Brasil. (Yano, 2014),

O passado, as memórias, os problemas sociais:

o maior problema era na hora do registro dos filhos, eles registavam do jeito que falavam não perguntava direito ia registrando, tem a família Kanga, que tá registrado como Kaga, as duas meninas como tinha discriminações na escola, toda vez que ia perguntar sobrenome era aquele negócio, hoje pode muda, mais na época não podia e modo do Brasileiro, imitando o japonês falar, “garantido né”. Uma vez eu tava aqui na prefeitura, falava assim “japonês garantido né” e eu falei o que que tem a ver com isso quem está produzindo verdura aqui não é japonês que está sustentando vocês porque vocês ficam tirando sarro da gente, aí tinha outro colega que mandou o cara embora, e o cara era de nível alto, cultura universidade, falta de responsabilidade do cara.

O trabalho era duro, mais meu pai ficou na fazenda de italiano que era imigrante também, então não tinha discriminação, japonês pela própria cultura é bem tolerante, só que os Italianos e alemães eram mais esquentados e saia pau.

A língua japonesa trouxe juntamente com ela o acirramento de questões xenofóbicas. Até que o povo brasileiro se acostumasse com palavras cuja fonética muitas vezes era bastante difícil, foi preciso haver uma entrada maior de alimentos e objetos da cultura japonesa no país, e isso levou mais de 50 anos.

Esses imigrantes contribuíram em diversos segmentos para o progresso da nação, fazendo referência em especial à contribuição dos japoneses na agricultura brasileira que mantém uma forte relação de contribuição para o progresso nesta área. A maior contribuição japonesa foi a introdução de novas espécies e também do sistema de agricultura intensiva (DAIGO, 2008).

O trabalho com as orquídeas:

Isso já vem de berço, o meu pai nunca mexeu com isso, minha mãe que tinha algumas orquídeas, história longa... Os japoneses quando vieram do Japão, tinham que ficar 5 anos trabalhando para o governo brasileiro, então eram todos mandados para plantação de café, para a região de Araraquara e depois de 5 anos eram emancipados, meu pai veio para Santos e tinha 2 bancas de verduras no mercadão, ai surgiu a guerra e em um determinado momento o delegado chegou com os soldados e disse para ele: você tem 18 horas para sair de Santos, Japoneses, Italianos e Alemães, se não forem embora vocês serão presos. Ai meu pai praticamente com a roupa do corpo veio pra cá, sorte que meu tio morava aqui, (sítio), tinha que sair 70 km fora de Santos, ai veio pra cá, meu irmão nasceu em Santos eu nasci aqui em Mogi das Cruzes, aqui.

A criança, gosta muito de brincar com água e meu serviço era regar as plantas de minha mãe, minha mãe trouxe algumas plantas, uns 20 vasos lá de Santos e tinha um outro amigo, do meu pai que estava preso na ilha Anchieta, ele não era criminoso, não era nada, só que esse japonês estava preso lá e fez amizade com o diretor do presídio e na ilha Anchieta tem muita orquídea e os dois começaram a montar um orquidário, cultivar orquídea no presídio, pois não tinham o que fazer. Quando terminou a guerra cada um foi para um lado, ele vinha sempre aqui e me via brincando com água, regando as plantas então começou a me incentivar, e com toda essa história, quando completei 15 anos já possuía mais de 500 vasos catalogados, com 16 anos já fazia julgamento das plantas aqui para Jandira, Araraquara, Marília.

A criação de orquídeas do Sr. Masuji é bastante conhecida entre os biólogos e entre os decoradores e apaixonados por flores, já que ele tem espécies de orquídeas que

ele mesmo descobriu, andando com uma lupa pelo meio da mata atlântica, abundante ainda em algumas regiões do Alto Tietê, já que esta região concentra um número bastante significativo de mananciais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada nesta dissertação de mestrado descreveu o processo migratório japonês no Brasil, bem como relatou como tal processo ocorreu na Região do Alto Tietê e especialmente em Mogi das Cruzes, se utilizando da história de vida e memórias de um descendente de imigrante japonês que no município de Mogi das Cruzes, de forma totalmente sustentável e autodidata fez grandes descobertas no cultivo de orquídeas.

Ao pesquisar e relatar todo o processo migratório revelou-se além dos motivos da migração, todos os percalços pelos quais passaram os imigrantes japoneses aqui no Brasil, desde a sua fixação na Cidade de Santos até sua expulsão da mesma cidade e deslocamento para outras localidades como Mogi das Cruzes.

Foi possível através da pesquisa histórica e da história de vida do descendente de imigrante, Senhor Massuji, observar que em Mogi das Cruzes os imigrantes e descendentes se dedicaram a agricultura, laboraram com legumes, frutas e flores, deixando um legado que perdura até os dias de hoje, observados, na culinária, em restaurantes e em patrimônios culturais como casarão do chá, parques e o próprio Paraíso das Orquídeas, de propriedade de nosso entrevistado.

Com este estudo foi possível concluir que a vinda dos imigrantes foi difícil, que os sonhos trazidos do Japão não se expressaram em realidade quando aqui chegaram, e que, apesar de alguns relatos históricos muitas das memórias não foram registradas, a não ser nas mentes dos descendentes de imigrantes. Observou-se ainda, que não existem políticas públicas voltadas para o apoio e preservação das memórias dos imigrantes, fato este, que inicialmente, em uma análise superficial, nos levou a entrevistar o Sr. Massuji, dono de um história surpreendente que até os dias de hoje não fora relatada, ou preservada, não tendo sido alvo, ou objeto de quaisquer retratação ou ainda de quaisquer políticas públicas, estando a suas memórias como de tantos outros descendentes de imigrantes desprotegida, perdidas em suas mentes, e em extinção dada a idade dos descendentes e a pouca atenção

dada a tal preservação, seja de suas culturas e ou tradições, em que pese, a existência de alguns parques e casas culinárias que exploram tais atividades.

É importante observarmos que os relatos históricos e a história de vida do senhor Massuji, através de entrevistas, foram fundamentais, na conclusão desta pesquisa, visto que se chegou à conclusão que todo o processo migratório foi árduo para os imigrantes japoneses e que apesar de políticas migratórias, ou seja, acordo que viabilizavam e autorizavam a imigração, ainda existia no Brasil a discriminação e o trabalho escravo ainda que velado a despeito da abolição da escravatura no Brasil.

A magia desta pesquisa se revelou quando obtivemos o resultado de que com todos os percalços enfrentados pelos descendentes e pelos próprios imigrantes, estes, se revelaram verdadeiros amantes do Brasil. Os imigrantes japoneses deixam um legado muito grande em nossa história, uma evolução nas áreas agrícolas e na floricultura, fato demonstrado pelas descobertas feitas de forma solitária pelo Sr. Massuji, ainda que nosso país pouco os tenham apoiado e criado leis que os amparassem ou eternizassem seus hábitos e suas memórias.

Tais conclusões foram obtidas através do método qualitativo, utilizando-se o método de observação direta extensiva (LAKATOS E MARCONI, 1991), com a técnica de história da vida, fazendo-se uma correlação com a história de vida de um descendente de imigrante japonês e a história coletiva dos imigrantes japoneses.

Acredita-se que tal estudo contribuiu para ampliar o conhecimento sobre a imigração japonesa no Brasil, bem como, poderá chamar a atenção, para a necessidade extrema de preservação de memórias tão importantes dos imigrantes e seus descendentes que estão fundidas com a história do nosso Brasil, espera-se que tais estudos não fiquem somente neste trabalho, mas, que se criem políticas públicas voltadas para esta população tão importante da história brasileira. Novos estudos serão interessantes focalizando-se uma amplitude maior de região afim de possibilitar a criação de novas políticas públicas que atendam aos imigrantes no Estado de São Paulo, no Brasil e não só em Mogi das Cruzes, objeto desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO K.J, SUGAHARA S. e KONTA R. **Vivendo no Brasil . Características da população de origem japonesa.** In IBGE Resistência e Integração – 100 anos da Imigração Japonesa no Brasil. Rio de Janeiro .RJ 2008.

CARDOSO, R, C, L. **Estrutura Familiar e Mobilidade Social - Estudo dos Japoneses no Estado de São Paulo.** São Paulo: Primus, 1995.

CENTRO DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA DO IMIGRANTE. *Disponível em:* <http://www.cdhic.org.br/?p=1061>. Acesso em 26/05/2013.

CYTRYNOWICZ,R. **Guerra sobre Guerra:** a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda guerra Mundial. São Paulo, 2000.

DAIGO, M. **Pequena História de Imigração Japonesa no Brasil.** Banco Real, 2008.

FANTIN, J.T – **Os japoneses no bairro da Liberdade na primeira metade do século XX.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP. São Carlos. 2013.

GONÇALVES, R. B - **Anais do Museu Paulista.** v. 16. n.1. jan.-jun. 2008.

HANDA, T. **O Imigrante Japonês-História de Sua Vida no Brasil.** São Paulo: Editor Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

HIRATA, R.Y. Tempo e espaço na dinâmica migratória japonesa: o caso de Mogi das Cruzes. **XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú.** MG. 18 à 22 de setembro de 2006.

IBGE, **BRASIL 500 ANOS DE POVOAMENTO.** Rio de Janeiro. 2007.

IMIGRAÇÃO JAPONESA, Disponível em: http://imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66), Acessado em 03/07/2014.

IZUMI, P.T. **Envelhecimento e etnicidade o processo de aculturação dos imigrantes japoneses.** Dissertação de Mestrado. FFLCH. USP. São Paulo. 2010.

KODAMA, K. E SAKURAI, C. **Episódios da imigração – Um balanço dos 100 anos.** In IBGE Resistência e Integração – 100 anos da Imigração Japonesa no Brasil. Rio de Janeiro .RJ 2008.



MORAES, M. S. **A imigração Japonesa em Mogi.** *Revista Expressão.* Mogi das Cruzes, Ano I, Nº 3, mai./jun., 1990

MORAES, M; S. **História da Imigração Japonesa em Mogi das Cruzes.** Mogi das Cruzes: Editora Mogi News, 2008.

MOTOYAMA, S. Kasato Maru. **Estudos Avançados.** São Paulo, 2011

PINHEIRO S; MASSAE E, **Ser ou não ser Japonês A construção da identidade dos brasileiros descendentes de japoneses no contexto das migrações internacionais do Japão contemporâneo.** Tese de Doutorado Unicamp, 2009.

PIRES, C, K, W. **Casarão do Chá.** São Paulo: IMESP, 1984.

RODRIGUES, M, M, A. **Políticas Públicas.** São Paulo: PubliFolha, 2011.